

12-03-2021

A ÁRVORE DE TODOS NÓS

Valdir Specian

[Professor Universidade Estadual de Goiás. Doutorando em Geografia.
Membro do Grupo Espaço, Sujeito e Existência Dona Alzira]

Quero escrever sobre árvores - nada de árvores genealógicas - ainda que pudesse ser. Viajaria nos seus galhos para pensar quem sou e por onde passou a seiva que carrego e que marca minha existência.

Escolher a “árvore” para representar a teia que nos envolve aos antepassados é uma grande sacada.

Mas fico a pensar: se a árvore nos liga, por qual motivo não nos ligamos às árvores que nos trazem vida?

Quando criança brincávamos nas árvores, nas cidades haviam árvores, no campo de multicores e variedades de plantas, elas estavam lá. Agora a realidade é outra, no horizonte vejo uma única planta que cansa a vista pela monotonia da monocultura - tudo igual, mesmo tamanho. As árvores foram arrancadas, não estão mais lá.

Nas cidades elas foram arrancadas pois atrapalham as faixadas das lojas, levantam as calçadas e sujam as ruas com suas folhas. Mas existe algo que poucos gostam de falar, o motivo obscuro que determina o extermínio das árvores urbanas - elas servem para o pobre descansar, o peão usa para fazer a boia na hora do almoço.

Elas são arrancadas dos pobres que apenas querem uma sombra para o alívio no meio da jornada diária.

É interessante perceber na propaganda dos condomínios de luxo a referência ao bosque - está entre os principais itens para vender a possibilidade de conforto e bem-estar, a árvore da burguesia é negada aos pobres.

No Maciço da Tijuca elas são disputadas - o Ministério Público diz que as favelas devem sair, são uma ameaça à natureza, a zona de amortecimento do Parque Nacional da Tijuca. É como dizer que as casas dos moradores das comunidades não são dignas para o lugar. E os condomínios de luxo que se avizinham - esses, bom... esses... devem ser dignos, moradias dignas que não ameaçam a natureza!

Sábias são as comunidades indígenas que às árvores ofertam o seu devido valor. Não por um acaso elas têm os nomes que eles definiram: Pequi, Guavira, Araticum, Murici, Mangaba e Mama-Cadela, árvores do Cerrado que só o conhecimento indígena foi capaz de dar vazão à sua essência. Em pé produzem frutas, ofertam vida, derrubadas dão lugar à mesmice.

Mas, mesmo mortas, podem sustentar a vida - para os índios Guaranis na fronteira do Paraná com o Paraguai, árvore é vida mesmo após a morte.

O artesanato é árvore morta - que sustenta a vida.

Uma alusão às vidas que árvores pouparam quando a grande e definitiva enchente chegou, o lago se formou e árvores que já sabiam de seu destino cruel não se furtaram em sustentar nos seus galhos condenados a vida dos bichos que procuram abrigo na grande cheia do Rio Paraná - a cheia da morte para gerar energia. Essas árvores da vida são eternizadas no artesanato dos povos guaranis do Ococoy (Santos e Bernal, 2016). Uma única árvore da Amazônia pode fornecer centenas de litros de água para a atmosfera em um único dia, água que se transforma em chuva e devolvida para a floresta permite aos rios se avolumarem. A mesma chuva que é distribuída para o resto do Brasil, que chega ao Cerrado. Mas em uma dialética estranha, a sociedade capitalista atravessa esse ciclo e usa esses rios para transportar e armazenar troncos mortos, que depois de passar pelas serrarias são alocados em navios da morte que levam esse recurso para outros países - levam a água que enchem nossos rios e permitem as chuvas nesse imenso Brasil. A sociedade coloca os rios contra a floresta.

Não pensem vocês que isso é mazela exclusiva do sistema capitalista, senti falta de árvores nas áreas urbanas de Cuba. Mas de lá trouxe a esperança - em Sierra Maestra as árvores são protegidas, são plantadas e no meio dessa floresta o alimento é produzido - uma roça aqui, outra acolá. Na minha breve passagem por esse palco da revolução apanhei um limão no pé e o esqueci na mochila.

Ele ficou o tempo suficiente para secar num processo de fortalecimento das sementes ... entreguei as quatro pequenas sementes nas mãos de quem saberia, com amor, cuidar e plantar - todas vingaram. Das quatro mudas, duas foram doadas para amigos, outra plantei na ilha de minha rua e a quarta espera o seu destino. Esse pequeno pé de limão é fruto da revolução. O velho ermitão de onde tirei o limão me confessou que Che costuma colher limões naquela mesma paragem. Esse limão é filho da revolução, vou plantar essas árvores neste Brasil, minha revolução começa com árvores. E minha esperança continua....

No último Natal, em meio à pandemia, apenas uma árvore de minha rua recebeu decoração, uma homenagem com fotos dos iporaenses levados pela silenciosa gripe da morte (Covid-19). Logo, a árvore iluminada, brilhante e solitária começou a atrair visitantes, entre tantos, o pequeno Heitor também estava lá e com sua sabedoria de criança logo lançou o nome à mesma, guardou para si (!) mas não resistiu e no outro dia solicitou: mamãe vamos lá na *Árvore de Todos Nós*. Que a sabedoria da criança de ofertar significado e valor a uma árvore esteja em todos nós. ■■■

Referência:

Santos, José C. dos; Bernal, Mac Donald F. *Índios, Árvores e o Mymba Kuera: um olhar micro-histórico na tríplice fronteira*. Revista Territórios & Fronteiras. Cuiabá/MT, vol. 9, n° 1, pp. 170 – 193, 2016.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.